

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO NORTE DE PORTUGAL E DO VALE DO DOURO: PRIMEIROS RESULTADOS DO PROJECTO SER-NPVD

Mário Jorge Barroca¹, César Guedes², Andreia Arezes³, Ana Maria Oliveira⁴

RESUMO

Apresentam-se os resultados preliminares do projecto «*Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro*» (SER-NPVD)”, que se propôs sistematizar a informação sobre as sepulturas rupestres do Norte de Portugal, abrangendo as duas margens do vale do Douro e todo o espaço a norte deste rio. Esboça-se uma primeira caracterização das estações identificadas e das sepulturas que as constituem, sendo abordadas as suas principais características e o tipo de espaço funerário em que se inserem. Procura-se também apresentar uma primeira leitura da integração paisagística destes monumentos e da sua relação com alguns dos elementos estruturadores do povoamento.

Palavras-chave: Sepulturas escavadas na rocha, Norte de Portugal, Idade Média.

ABSTRACT

In this text, we present the preliminary results of the project “Rock-cut graves from Northern Portugal and the Douro Valley (SER-NPVD)”, a project that intends to systematize the information about the rock graves in the North of Portugal, covering both banks of the Douro valley and the entire territory located north of this river. We also present an outline of the identified sites and correlated graves, approaching their main features and the type of funerary space in which they are inserted. Furthermore, we propose a first insight focused both on the integration of these monuments in the landscape, and on their relation with some of the structuring patterns of settlement.

Keywords: Rock Cut graves, Northern Portugal, Middle Ages.

1. APRESENTAÇÃO⁵

O projecto «*Sepulturas Escavadas na Rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro*» (SER-NPVD) surgiu em 2018, na sequência da realização do Congresso Internacional «*Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica*», uma co-organização da FLUP e do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «*Cultura, Espaço e Memória*»), que decorreu na Faculdade de Letras da

Universidade do Porto, entre os dias 19 e 20 de outubro de 2017. Por essa altura, os signatários deste texto entenderam que não se devia deixar esmorecer a dinâmica que se tinha gerado e que se podia – e devia – avançar para uma plataforma de trabalho distinta. Nesse sentido, no âmbito do Grupo de Investigação «*Territórios e Paisagens*» do CITCEM, apresentaram a este Centro de Investigação uma proposta para desenvolver uma plataforma, a ser disponibilizada *on line*, que fornecesse aos arqueólogos portu-

1. FLUP/CITCEM; mbarroca@letras.up.pt

2. CITCEM; cesarlgedes@gmail.com

3. FLUP/CITCEM; aarezes@letras.up.pt

4. CITCEM/FCT; anamcostaoliveira@gmail.com

5. Os autores não seguem o Acordo Ortográfico.

gueses uma sistematização de todas as informações relativas a sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal. Este projecto de investigação, que recebeu o acrónimo «SER-NPVD», mereceu, desde a primeira hora, o acolhimento e apoio da direcção do CITCEM, o que nos apraz registar aqui, deixando o nosso testemunho público de reconhecimento pela disponibilização dos meios materiais e logísticos que permitiram levar a cabo esta iniciativa⁶.

2. O PROJECTO E A ÁREA DE ESTUDO

A proposta formulada foi, portanto, a de sistematizar, em ficha padronizada, todos os dados disponíveis para sepulturas escavadas na rocha do norte de Portugal.

O âmbito geográfico do projecto abrangeu todos os concelhos localizados a Norte do rio Douro, repartidos pelos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança, num total de 68 municípios. Mas, porque se entendeu que o vale do rio Douro constituía uma unidade geográfica e histórica, sendo as suas margens indissociáveis, a opção foi a de englobar, igualmente, todos os concelhos que confinam com a margem sul deste rio. Estes concelhos, que se repartem pelos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda, foram considerados em toda a sua área, com uma única excepção – o concelho de Santa Maria da Feira, que foi apenas considerado na zona mais a norte, nomeadamente a freguesia de Canedo. Procurou-se, desta forma, obter uma mancha geográfica que fosse coesa e coerente, abrangendo as duas margens do rio Douro e todo o espaço a norte deste rio. A área inventariada corresponde, ao todo, a perto de 20.400 km² (Quadro 1).

O projecto SER-NPVD incide, assim, sobre um território que, do ponto de vista administrativo, abarca oito distritos, 78 concelhos e 1.928 freguesias. Neste âmbito, o rio Douro apresenta-se como o elemento geomorfológico, dotado de inequívoca espessura histórica, que norteia a constituição desta “unidade” de estudo. Com efeito, ela compreende as áreas concelhias que se espriam a norte do seu curso, estendendo-se até à actual linha de fronteira política com Espanha e, a sul, as que com ele confinam de modo directo.

Não se trata, pois, de um território homogéneo, mas antes de um espaço marcado por especificidades várias, notórias ao nível da grande variabilidade hipsométrica e da própria constituição geológica, o que se reflecte, necessariamente, na organização da paisagem e da ocupação humana, apenas para sinalizar alguns vectores mais impactantes. Se considerarmos, por exemplo, o relevo e, conseqüentemente, as altitudes atingidas em diversos pontos do espaço em análise, constatamos não apenas a existência de evidentes variáveis naturais como, em paralelo, a vigência de padrões diferenciados de implantação das sepulturas, ou mesmo a tendência para uma articulação mais reiterada de certas tipologias de estruturas com determinadas áreas geográficas. Por seu turno, a constituição geológica, ao definir o substrato rochoso predominante, teve uma evidente implicação nas diferentes modalidades de enteramentos adoptadas pelas comunidades humanas e ajuda a compreender melhor a distribuição espacial dos sepulcros.

A opção tomada teve, ainda, em atenção a área estudada por um projecto semelhante, coordenado por Catarina Tente, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e que estudou a região do Centro de Portugal⁷. Desta forma, procurou-se evitar sobreposições geográficas desnecessárias. Graças a estas duas bases de dados, Portugal ficou dotado de instrumentos de pesquisa que cobrem uma parte significativa do seu espaço territorial. Esta é, julgamos nós, uma situação inédita em termos peninsulares.

Os dados obtidos pelo Projecto SER-NPVD estão disponibilizados on-line, através do link: <http://web2.letras.up.pt/citcem/sepulturas/home>.

Importa sublinhar que esta plataforma de pesquisa não é encarada como um projecto encerrado. Pelo contrário, assumimos que um projecto desta natureza estará sempre em construção. Neste sentido, será assegurada a manutenção e actualização de dados na plataforma, pelo que todos os contributos serão bem-vindos. Na página do projecto encontra-se o endereço para o qual podem ser enviados novos dados, que, depois de validados, serão contemplados em actualizações futuras.

6. A apresentação do Projecto encontra-se em <https://www.citcem.org/projeto/36>.

7. Cf. Pereira, 2015; Tente, 2015; Tente, 2017.

3. AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO NORTE DE PORTUGAL E DO VALE DO DOURO

Feita a apresentação do projecto SER-NPVD e da área de estudo, procuraremos de seguida apresentar as primeiras, e ainda muito preliminares, leituras sobre as sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro. Porém, antes de avançarmos para a análise dos dados propriamente ditos, referiremos apenas algumas das opções metodológicas utilizadas na construção da base de dados que serve de suporte a estas leituras.

A base de dados é constituída por duas fichas de registo interrelacionáveis. Uma ficha é dedicada às estações arqueológicas com presença de sepulturas escavadas na rocha e a outra debruça-se especificamente sobre as características individuais de cada sepulcro. A primeira, que designámos «Ficha de Necrópole», corresponde, portanto, a uma «Ficha de Sítio» e é uma ficha única. A segunda, que chamámos «Ficha de Sepultura», corresponde a uma «Ficha de Monumento» e existem tantas quanto o número de sepulcros que integram uma determinada estação arqueológica.

A «Ficha de Necrópole» reúne as informações sobre as estações arqueológicas, procurando sistematizar os dados relativos à sua localização, ao número de sepulturas que a constituem e se são compostas apenas por sepulturas escavadas na rocha, ou se estas se associam a outras tipologias de enterramento. Para além destas características, procura também, sempre que possível, registar a tipologia de espaço funerário de cada estação e as suas relações com os elementos estruturadores do povoamento, isto é, se se relacionam directamente com locais de *habitat*, templos, povoados fortificados, castelos ou vias de comunicação. A sistematização dos dados relativos às estações, sobretudo a definição da tipologia de espaço funerário, seguiu o modelo preconizado por Inãki Martin Viso e que tem vindo a ser aplicado nos estudos realizados na região da Beira Alta por Catarina Tente⁸ e outros investigadores. Esta opção metodológica possibilitará, no futuro, a realização de leituras integradas dos espaços funerários existentes tanto a Norte, como a Sul do rio Douro, numa

vasta área que se prolonga até aos contrafortes da Serra da Estrela.

A «Ficha de Sepultura», por seu turno, regista os dados arqueográficos de cada sepulcro, contendo campos destinados à recolha de informações sobre o estado de conservação, as características morfo-tipológicas, a orientação ou alinhamento geográfico e, claro, as suas dimensões.

A recolha de informação foi realizada essencialmente a partir de trabalhos académicos, cartas arqueológicas, monografias locais e relatórios arqueológicos. Recorremos também a alguns recursos on-line, como o *Portal do Arqueólogo* ou as *Cartas Patrimoniais* integrantes dos PDM's, frequentemente disponíveis para consulta nos sítios de internet dos municípios. No final de cada «Ficha de Necrópole», no campo Bibliografia, são referidos os trabalhos que serviram de base ao preenchimento dos dados. Este campo não pretende elencar toda a produção bibliográfica sobre cada estação arqueológica, às vezes muito extensa, mas apenas referir as obras utilizadas na constituição da base de dados, a partir das quais se retiraram os dados. Salvaguardou-se, assim, também a autoria científica dos elementos arrolados.

Passando para a análise breve das informações recolhidas, o levantamento bibliográfico realizado permitiu, até ao momento, identificar um conjunto de 386 estações, constituídas por 1.170 sepulcros (Mapa 1).

No que respeita ao estado de conservação, a maioria destas sepulturas preserva-se inteira, mas sem tampa (532 sepulcros, ou seja 45,5%), enquanto que apenas 35 sepulturas conservam a respectiva tampa (3%). As sepulturas inacabadas ascendem a 28 casos (2,4%), fornecendo dados sobre a técnica de execução das sepulturas rupestres, ao mesmo tempo que suscitam uma rica problemática, subjacente aos motivos por que foi abandonada a sua execução. As sepulturas que foram totalmente destruídas ascendem a 91 casos (7,8%), as parcialmente destruídas a 180 casos (15,4%), enquanto que não foram localizadas 140 sepulturas (11,9%) e 164 não eram visíveis (14,0%). Entre as sepulturas que chegaram até nós, a grande maioria foi escavada no substrato geológico granítico, correspondendo a 294 estações (76,2%). Este valor não deve causar admiração, porque, como se sabe, o substrato granítico é o predominante na zona estudada. A segunda mancha geológica mais significativa corresponde aos xistos. As sepulturas abertas nesta rocha metamórfica compreendem 48

8. Sobre a definição das tipologias de espaços funerários, cf. Martin Viso, 2012a, pp. 170-173. Vd. tb. Martin Viso, 2012b e Martin Viso, 2016.

locais e constituem apenas 12,4% do total. Para a discrepância entre estes dois grupos concorre o facto de as manchas xistosas corresponderem a uma área significativamente menor do que as áreas graníticas. Por outro lado, os substratos xistosos originam terrenos mais pobres e menos produtivos que os terrenos graníticos, que, porque têm lençóis freáticos mais superficiais, dão origem a solos mais ricos e produtivos. Isto explica que as manchas xistosas sejam, sistematicamente, áreas com menor densidade populacional e, logo, menos testemunhos arqueológicos, nomeadamente funerários. Isso transparece, até, na dimensão geográfica das paróquias de uma e outra mancha geológica. Mas devemos ainda registar os problemas de conservação diferencial. Com efeito, o xisto é um suporte mais frágil e sujeito a uma maior e mais rápida erosão, o que pode ter contribuído para acentuar a desproporção percentual que se verifica entre as sepulturas abertas no granito e as escavadas no xisto, que poderia, na origem, não ser tão pronunciada. No Norte de Portugal encontramos, ainda, pequenas áreas de quartzitos e de arenitos, mas não conhecemos referências a sepulcros criados nestas rochas. De resto, saindo fora da hegemonia dos granitos e dos xistos, apenas se regista uma sepultura aberta noutra suporte - o saibro, que é, no fundo, um produto resultante da alteração do granito⁹. Registemos, por fim, a ausência de sepulcros abertos no calcário, substrato rochoso ausente no espaço considerado pelo projecto SER-NPVD, dominado pelos granitos e, em menor proporção, pelos xistos, o que contrasta, desde já, com a área do Centro de Portugal. A bibliografia consultada revelou-se omissa quanto ao suporte geológico de 44 locais onde foram abertas as restantes sepulturas (11,4%).

As estações registadas são, na sua grande maioria, constituídas exclusivamente por sepulturas escavadas na rocha (Mapa 2). A este tipo correspondem 315 sítios (ou seja, 81,6% do total). Todavia, em alguns casos verifica-se a convivência entre este tipo de sepulcros e outras formas de enterramento medievais, como as sepulturas delimitadas por lajes, registada em 21 sítios (5,4%), ou os sarcófagos, como ocorre em sete estações (1,8%), ou então com ambas as tipologias, verificando-se esta situação apenas em seis locais (1,6%). Nos casos em que a bibliografia refere a

9. Trata-se de uma sepultura da Igreja do Bom Jesus de Gaia (CNS5832 do Portal do Arqueólogo).

existência de outros tipos de enterramentos associados às sepulturas escavadas na rocha, mas que não é explícita quanto à sua tipologia, optamos por incluir estas estações no grupo “Necrópole Indeterminada”. Estas situações totalizam 9,6% das estações (37 sítios). A seu tempo estas situações poderão ser aclaradas, diminuindo-se o peso percentual destes casos. Os espaços funerários são maioritariamente constituídos por sepulturas escavadas na rocha isoladas ou integradas em núcleos de 2 a 5 sepulturas, totalizando 63,7% dos sítios (Mapa 3). No caso das sepulturas isoladas contabilizamos 121 sítios (31,3%) e os núcleos de 2 a 5 sepulturas são 125 (32,4%). Ou seja, confirma-se plenamente a ideia de que, no Norte de Portugal, a maioria das sepulturas escavadas na rocha aparecem isoladas ou associadas em conjuntos muito limitados, que dificilmente podem corresponder a “necrópoles” de povoados. As necrópoles constituídas por 6 a 10 monumentos correspondem a 8% do total, verificando-se a existência de 31 estações deste tipo. As necrópoles desordenadas, para usar a expressão de Iñaki Martín Viso, *i.e.* as que são compostas por mais de dez monumentos, em que as sepulturas se distribuem pelo espaço de uma forma aparentemente aleatória, sem estarem polarizadas em torno de edifícios de culto, implantando-se isoladas ou em pequenos núcleos, correspondem somente a 3,1% das estações (12 locais)¹⁰. No que concerne aos espaços cemiteriais associados a igrejas, verificamos que apenas 8% dos sítios inventariados se enquadram nesta tipologia (31 sítios). As situações em que não foi possível aferir claramente a tipologia de espaço funerário em que os monumentos se inserem totalizam 17,1% e dizem respeito a 66 espaços de enterramento.

Como referimos anteriormente, as 386 estações identificadas são constituídas por 1.170 sepulcros. A grande maioria das sepulturas (730) destinava-se a receber indivíduos adultos. Contudo existem 50 sepulturas que, pelas suas dimensões, terão provavelmente sido criadas para receber inumações subadultas. Em 373 casos, o estado de conservação dos sepulcros ou a ausência de informação na bibliografia impediu aferir se os monumentos se destinavam a adultos ou a inumações subadultas.

Entre as diferentes tipologias de sepultura, as de configuração antropomórfica são as mais numerosas, contando com 525 exemplares e corresponden-

10. Cf. Martín Viso, 2012a, p. 171.

do a 44,9% do total. As mais representativas são as que apresentam cabeceira rectangular, com 110 sepulturas (20,9%), logo seguidas pelas de arco peraltado, com 63 exemplares (12,0%), pelas de arco de volta perfeita, com 51 monumentos (9,7%), e de arco ultrapassado, com 39 monumentos (7,4%). As soluções menos frequentes são as que apresentam cabeceiras angulosas ou trapezoidais, com somente nove exemplares (1,7%), e as cabeceiras assimétricas, apenas representadas por seis sepulcros (1,1%). Infelizmente, o conjunto mais numeroso refere-se aos sepulcros em que não foi possível aferir de forma rigorosa a tipologia da sua cabeceira, correspondendo a 247 monumentos e a 47% do total de monumentos de contornos antropomórficos. Esperamos que, futuros desenvolvimentos desta plataforma permitam, também aqui, reduzir o peso percentual deste grupo de indefinição. Em todo o caso, afigura-se interessante constatar que os túmulos com cabeceira de arco ultrapassado surjam em quarto lugar no conjunto dos monumentos com tipologia de cabeceira definida. Registemos, ainda, um pequeno, mas significativo, grupo de túmulos antropomórficos com desnível entre a cabeceira e o corpo, criando um apoio para o occipital. Este tipo, que aparentemente corresponde ao século XI, regista-se em 48 sepulcros (4,1%), enquanto que 325 sepulturas não apresentam qualquer desnível (27,8%).

As sepulturas de configuração não antropomórfica representam 32,5% do total de monumentos identificados, correspondendo a 380 sepulturas. Ou seja, *grosso modo* um terço dos sepulcros rupestres do Norte de Portugal corresponde a tipologias não antropomórficas. A maioria opta pelos contornos ovalados, como se observa em 139 exemplares (36,6%), mas as sepulturas rectangulares e trapezoidais não se afastam muito destes valores, contando-se 115 exemplares das primeiras (30,3%) e 82 das segundas (21,6%). As sepulturas não antropomórficas cujos contornos são indeterminados totalizam 44 (11,6%). Os sepulcros de configuração indeterminada são 265, o que corresponde a 22,7% do conjunto das tumulações sem antropomorfismo.

A análise da distribuição das diferentes configurações das sepulturas pela tipologia de espaços funerários revela-nos que as sepulturas antropomórficas são sempre mais numerosas do que os sepulcros não antropomórficos, mantendo, porém, um certo equilíbrio representativo nos núcleos de sepulturas isoladas, nos núcleos de 2 a 5 e de 6 a 10 sepul-

turas. As únicas situações em que se observa uma clara predominância de uma tipologia de sepultura sobre a outra, verifica-se nas necrópoles desordenadas e nas necrópoles associadas a templos, onde os monumentos de configuração antropomórfica predominam sobre as sepulturas que negam o antropomorfismo, sendo aproximadamente duas vezes mais numerosos (Gráfico 1). Aceitando que a polarização dos monumentos funerários em torno de templos é um acontecimento mais tardio, estes dados parecem confirmar que as tipologias não antropomórficas têm cronologias um pouco mais recuadas, embora continuem a ser utilizadas ao longo de todo o período cronológico em que se criaram sepulturas rupestres. Antes de entrarmos na análise da relação entre as estações com sepulturas escavadas na rocha e os elementos estruturadores do povoamento, como os locais de *habitat*, templos, fortificações ou vias de comunicação, devemos ressaltar que a bibliografia, na maioria das vezes, é omissa, não referindo directamente estas relações. Esta situação resulta do facto de, em demasiados casos, os estudos se contentarem com o estudo, de *per se*, das sepulturas, ignorando outros testemunhos ocupacionais, sobretudo se resumidos a vestígios arqueológicos (quer sejam cronologicamente coevos dos sepulcros, quer se situem, simplesmente, na sua proximidade física). Deste modo, e tendo em consideração que a sistematização realizada se alicerçou sobretudo em dados bibliográficos, as leituras que realizaremos de seguida deverão ser encaradas como provisórias, pois a realização de trabalhos de campo e de levantamentos arqueológicos mais sistemáticos certamente acrescentarão outras informações aos dados compilados (Quadro 2 e Mapa 4).

Feitas as devidas ressalvas, verificamos que 196 estações se encontram localizadas nas imediações de vestígios arqueológicos de *habitat* e/ou de templos, sendo esta associação mais frequente com os núcleos de 2 a 5 sepulcros e com sepulturas isoladas. Apesar de corresponder a apenas a pouco mais de metade das estações identificadas, o número de sepulturas que as integra é bastante elevado, sendo composto por 746 sepulcros. Mas não deixa de ser significativo, e tema para reflexão, o facto de esta associação ser tão representativa nestes grupos que correspondem a núcleos relativamente pequenos. Já vários estudos tinham sublinhado a articulação entre sepulcros isolados ou conjuntos de pequena dimensão e a matriz de povoamento, nomeadamen-

te o cadastro de propriedades. Corresponderiam a uma fase em que os espaços de enterramento não estavam, ainda, polarizados em torno dos templos, sendo deixada às populações uma ampla margem de opção relativamente à eleição do local de sepultura.

A proximidade entre os espaços funerários e templos, áreas de *habitat* com templos ou a fortificações e templos corresponde a um total de 122 estações, cerca de 32%, e a um conjunto de 477 sepulturas. Entre estas, as mais numerosas são as que se enquadram nas “Necrópoles associadas a templos”, que correspondem a 31 estações e a 223 sepulturas e que Inâki Martin Viso relaciona com uma paisagem hierarquizada em que há uma memória comunitária gerida por uma instância de poder¹¹.

A relação entre os sepulcros e as estruturas de cariz militar ou defensivo, como os povoados fortificados ou os castelos, tem uma representação muito pouco expressiva, resumindo-se apenas a 16 estações, constituídas no total por 60 sepulturas. Igualmente residual é o número de locais associados exclusivamente a vias de comunicação. A implantação junto a caminhos e vias apenas se regista em 16 locais. A maioria destes espaços de enterramento é constituída por sepulturas isoladas (nove), por núcleos de 2 a 5 sepulturas (quatro casos), por núcleos de 6 a 10 sepulturas (dois casos) e por uma única necrópole desordenada. Mas, no seu conjunto totalizam apenas 55 sepulturas.

4. PRIMEIROS RESULTADOS: LEITURAS PRELIMINARES

Os dados apresentados sintetizam, de forma expressiva, um trabalho de prospeção e registo de uma área considerável do Norte de Portugal e do vale do Douro. Esta área geográfica, caracterizada por diferentes realidades geomorfológicas e de ocupação humana, corresponde a cerca de 23% da superfície de Portugal Continental. Nos dias de hoje, verifica-se uma maior densidade populacional na faixa atlântica, nomeadamente na região do Entre-Douro-e-Minho e um acentuado declínio demográfico nas terras do interior do país. A mesma assimetria verificar-se-ia também no decurso da Idade Média, sendo abundantes, na documentação medieval, os exemplos de atribuição de cartas de foral, de povoamento ou de privilégios a quem se fixasse no *hinterland* português.

11. Cf. Martin Viso, 2012, p. 172.

No total, falamos de um território com 20.388 km², que apresenta um conjunto de 386 estações constituídas por 1.170 sepulturas escavadas na rocha. Isto equivale a um índice de 0,06 s.e.r./km².

Em termos comparativos, Stuart Brookes, Catarina Tente e Sara Prata registaram no território de Viseu, e numa área de cerca de 6.150 km², a existência de 522 estações com 1.726 sepulturas escavadas na rocha¹². Corresponde a um índice de 0,28 s.e.r./km², um valor bastante superior ao da região norte.

Ora, esta contabilidade coloca algumas perguntas sobre as quais importa reflectir. Desde logo, e olhando para a cartografia apresentada, notamos espaços vazios. Destes destacamos dois, procurando fundamentar essa realidade.

O primeiro é a zona costeira do território analisado, nomeadamente a região entre os rios Cávado e Ave, prolongando-se até às portas da cidade do Porto e estendendo-se para sul, para Vila Nova de Gaia, onde as estações com sepulcros rupestres são em reduzido número ou praticamente inexistentes. Na verdade, esta rarefacção ou ausência não se pode explicar por uma falta de pesquisas nesta região pois, desde cedo, ela tem merecido a atenção e o trabalho de diferentes investigadores¹³. Uma das causas poderá estar relacionada com a pressão urbana, bastante intensa nesta região, talvez responsável pela destruição de muitos vestígios, mesmo que nas últimas décadas, as políticas patrimoniais, enquadradas na arqueologia preventiva, tenham permitido salvaguardar muita informação. Contudo, não poderemos deixar de parte uma outra via de reflexão que explique a ausência de sepulturas escavadas na rocha em determinadas áreas, nomeadamente a opção por diferentes formas de inumação. Com efeito, a mancha geográfica das *planícies do Minho*, onde as sepulturas escavadas na rocha estão quase ausentes, corresponde a uma das áreas de maior densidade de sarcófagos não antropomórficos, lisos ou decorados com cruces gregas páteas em relevo (na cabeceira e/ou nos pés), ou com os laterais apresentando decorações com arcaturas ou arquitecturas, alguns cobertos com tampas em estola, tudo materiais que correspondem ao período cronológico que se estende entre os séculos IX e XI/XII. Neste sentido, a clara complementaridade entre a cartografia das sepulturas rupestres e a de estes sar-

12. Cf. Brookes, Tente & Prata, 2017, p. 215.

13. Cf., por exemplo, Barroca, 1987, pp. 103-175; reeditado e actualizado em Barroca, 2010-11, pp. 115-182.

cófgos, já realçada por um de nós, torna-se muito eloquente, revelando que, afinal, numa mesma época conviviam diferentes modalidades de enterramento, sujeitas a variabilidades de ordem geográfica e social¹⁴.

O segundo vazio evidente observa-se na região transmontana, particularmente na zona central onde, a par do relevo acidentado, sobressai o vale do rio Tua e os planaltos de Bragança e Miranda do Douro. Sobre esta extensa região faltam ainda trabalhos de investigação aprofundada, que analisem os dados existentes e acrescentem novos registos, permitindo propostas interpretativas devidamente fundamentadas. Mas parece evidente o contraste com a zona da falha tectónica Régua-Verín (que passa por Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves), ou com o vale do Douro, a montante e a jusante do Marão¹⁵. Na região de Bragança e de Miranda os esforços têm recaído em trabalhos de levantamento, muitas vezes no âmbito da elaboração dos descritores dos planos directores municipais, integrando cartas arqueológicas onde as sepulturas escavadas na rocha são apenas mais um elemento patrimonial sumariamente mencionado e descontextualizado¹⁶. No entanto, não será apenas a escassez de trabalhos de investigação a justificar a inexistência de sepulturas escavadas na rocha. Lembramos que nesta região os solos são maioritariamente xistosos ou quartzíticos, materiais de fácil erosão, uns, ou de talhe difícil, outros, que podem ter levado as populações a procurar outras formas de enterramento. Por outro lado, as transformações económicas das últimas décadas alteraram de forma profunda a paisagem transmontana, povoando-a de extensas áreas de cultura intensiva de oliveira, castanheiros e vinha. Sabemos, por exemplo, que na região de Bragança a limpeza de largas extensões de terrenos tem destruído e danificado algum património arqueológico, onde se incluem necrópoles de variadas tipologias. Esta realidade, à qual não se poderá escapar, merece uma atenção urgente por parte das autoridades competentes e dos investigadores, de forma a ser assegurado o registo do património existente.

14. Barroca, 1987, pp. 177-251.

15. Para as sepulturas rupestres implantadas na zona da falha tectónica Régua-Verín vd. Almeida, 2009; Barroca & Morais, 1983 e 1985-86; Teixeira, 1996; para o vale do Douro vd., entre outros, Lopes, 2002; Santos, 2005; e Guedes, 2015.

16. Para esta região vd. o estudo de Oliveira, 2020 (no prelo).

Uma segunda questão, que a aparente baixa densidade de sepulturas escavadas na rocha nesta região suscita, é se as comunidades terão, conscientemente, dado primazia a outras formas de enterramento, talvez mais “práticas” e económicas, como a inumação em fossas simples ou em sepulturas estruturadas com lajes ou pedras. Esta seria uma explicação válida para a falta de registos em zonas xistosas, independentemente de se registarem exemplos expressivos da sua existência, como acontece no caso da necrópole do Adro da Igreja de Mós (Torre de Moncorvo) com 39 sepulturas, das quais 21 são escavadas na rocha xistosa¹⁷, ou a necrópole da Igreja de Vila de Sinos (Mogadouro) intervencionada por Francisco Sande Lemos e Domingos dos Santos Marcos, que identificaram 69 sepulcros, tendo escavado 24 sepulturas das quais apenas oito eram escavadas exclusivamente no substrato rochoso¹⁸. Notamos que o distrito de Bragança, onde se regista um número reduzido de sepulturas escavadas na rocha, ocupa uma área de 6.608 km², equivalente a 32% do total do território estudado e, mesmo contando com uma baixa taxa demográfica, continua a ser difícil explicar a falta de necrópoles rupestres em Trás-os-Montes. Observação idêntica poderá ser feita para a região litoral, que totaliza cerca de 7.500 km², representado 37% do território analisado. Como já vimos, aqui o número de sepulcros rupestre é evidentemente baixo se considerarmos a densidade demográfica da região.

Voltando a analisar a cartografia, verificamos que a zona central do território estudado, correspondendo, *grosso modo*, ao distrito de Vila Real e Viseu, na margem sul do Douro, apresenta uma maior densidade de sepulturas escavadas na rocha, mesmo contando que se trata de uma região bastante acidentada, mas sobretudo granítica. Na verdade, se considerarmos a totalidade das estações, constatamos que cerca de 51% das sepulturas se implantam entre os 400 e os 800 m de altitude (Quadro 3), destacando-se as regiões de Montalegre, Vila Pouca de Aguiar e Lamego, onde existem estações a altitudes que rondam os 1.000 m. Se os estudos conseguissem associar estas necrópoles aos elementos estruturadores do povoamento, como os locais de *habitat*, templos, fortificações ou vias de comunicação, poderíamos ter respostas para possíveis modelos de

17. Perpétuo, 2010.

18. Lemos e Marcos, 1985, pp. 142-143.

assentamento, podendo, ao mesmo tempo, aferir de forma mais precisa cronologias para estes monumentos funerários.

Paralelamente a esta zona central, o vale do Douro, especialmente a margem direita, correspondente *grosso modo* aos concelhos de Penafiel, Marco de Canaveses, Amarante e Baião, agrupa um número considerável de sepulturas escavadas na rocha, existindo uma concentração bastante expressiva no curso final do rio Tâmega. Aqui as cotas de implantação das necrópoles são mais baixas e terão privilegiado zonas junto a possíveis áreas de exploração agrícola.

Efectivamente, a representação cartográfica demonstra que as necrópoles de sepulturas escavadas na rocha foram construídas preferencialmente ao longo das bacias hidrográficas, sobretudo ao longo dos cursos de água mais significativos, como os já referidos Douro e Tâmega, mas também dos rios Lima, Corgo, Tua e Sabor. A distribuição destes núcleos sepulcrais não obedece, aparentemente, a um padrão específico, pois nos rios Lima, Tâmega e Sabor existe uma maior concertação na zona terminal dos rios, enquanto que nos rios Douro e Corgo há uma “distribuição” ao longo das suas bacias, parecendo evitar-se as zonas da foz. O que parece claro é o facto de as linhas de água serem eixos estruturantes do território medieval, essenciais para a fixação de comunidades, mas também guias de orientação territoriais, onde o Douro tinha um papel primordial.

Finalmente, e porque o espaço de publicação nos obriga a ser sintéticos, importa atentar nas características gerais dos núcleos sepulcrais rupestres e questionarmo-nos sobre a sua relação com as estruturas de povoamento.

Os registos actuais dizem-nos que os espaços funerários são maioritariamente constituídos por sepulturas escavadas na rocha isoladas ou integradas em núcleos de 2 a 5 sepulturas, totalizando 63,7% dos sítios. No caso das sepulturas isoladas contabilizamos 121 sítios (31,3%) e os núcleos de 2 a 5 sepulturas são 125 (32,4%). As necrópoles constituídas por 6 a 10 monumentos correspondem a 8% do total, verificando-se a existência de 31 estações deste tipo. Estes são os dados. Se os pensarmos relacionados com o povoamento, e independentemente da sua distribuição geográfica e da sua cronologia, ocorrem-nos determinadas interrogações que o avanço da investigação pode aclarar.

Vejamos, por exemplo, as sepulturas isoladas e os pequenos grupos de 2 a 5 sepulturas, conjunto até

agora maioritário. Que tipo de povoamento definem? Isolado, próprio de comunidades com alguns recursos económicos, que vivem da exploração agrícola, em zonas profundamente parceladas e trabalhadas por dependentes? Ou concentrado, em pequenas comunidades familiares (ou não), talvez “independentes”, mas ligadas entre si por fortes laços de solidariedade, que garantiam a sobrevivência do grupo? E como se articularia cada uma destas comunidades com os locais de culto? Teriam “igreja própria” ou estavam agregadas em paróquias mais amplas que, pela sua extensão territorial, permitiam a existência de vários espaços de enterramento no interior do seu âmbito geográfico? Sendo assim, a escolha de local de sepultura, próximo dos seus, seria uma opção preferível? Para os pequenos proprietários, seria uma forma de legitimação de direitos fundiários? Temos vários indícios, ao longo da plena Idade Média, de que a presença de sepulcros de antepassados foi encarada como forma de sancionar direitos hereditários. . .

As inumações junto a templos são facilmente compreensíveis para comunidades, talvez mais numerosas, multifamiliares, concentradas em povoações que exploram determinado território sob orientação de um poder. Este tipo de assentamento deu origem a núcleos sepulcrais mais extensos. Mas eles são relativamente raros na zona que estudámos. Esta observação tem evidente implicação cronológica. Significa que a implantação do modelo paroquial resultante da reforma gregoriana – que impôs que, dentro do espaço de uma paróquia, existisse um único templo apto a ministrar os sacramentos de *passagem* (baptismo, casamento, funeral), que existisse um único ministro da Igreja apto para os ministrar (o pároco), que existisse um único templo com pia baptismal e que existisse um único espaço de enterramento (o adro da igreja) – surgiu numa fase em que a “moda” das sepulturas escavadas na rocha estava a entrar em declínio. Por isso, os exemplos de necrópoles rupestres estruturadas em torno de adros de templos paroquiais parece ser uma opção residual. E, pelo contrário, as sepulturas estruturadas com lajes, são muito mais comuns. A menos que, futuras intervenções arqueológicas venham aduzir novos dados para esta problemática. . .

Outro aspecto interessante relaciona-se com a personalização, ou não, dos enterramentos. Já muitos autores sublinharam o anonimato das sepulturas rupestres, para as quais não se conhece qualquer

exemplo de epitáfio¹⁹. Esta aparente ausência de preocupação em registar a identidade do defunto poderá estar relacionada com o facto de, nessa altura, ainda não se ter difundido o conceito que atribuía às orações o poder de intercessão no destino das almas no Além. Isso implica aceitar que, durante uma boa parte do período em que se criaram sepulturas rupestres, ainda não haveria comemorações obituárias por alma do defunto, e portanto, como não se tinha de ir sobre a sua sepultura, esta apresentava-se despida de elementos identificadores. Mas existe um pequeno conjunto de sepulcros que começam a denunciar a preocupação de o individualizar. Referimo-nos às sepulturas escavadas na rocha que apresentam encaixes para estelas discoides. Na zona que estudámos isso ocorre em 10 casos (nove com encaixe para uma estela, na zona da cabeceira; um com duplo encaixe, na cabeceira e pés). O seu valor percentual é insignificante (0,9%), mas a sua importância é grande.

Um último, e necessariamente breve, apontamento para analisar a problemática em torno da orientação dos sepulcros. Este é um tema complexo, que não podemos explorar integralmente neste trabalho. O quadro que apresentamos de seguida (Quadro 4) sistematiza os principais dados alcançados, subdividindo-os por quadrantes de orientação dos sepulcros. Subdividimos os 360° em oito categorias – os quatro pontos cardiais e os seus pontos intermédios – obtendo, assim, grupos com 45° de amplitude. Subdividimos cada grupo pelo ponto médio com o precedente e o seguinte. Ou seja, consideramos como quadrante Norte todos os valores obtidos entre os 337,6° e os 22,5°, tendo como valor médio os 0° equivalentes a Norte. E assim sucessivamente. Esta sistematização – que não impede que os dados precisos, sempre que eles existam, estejam arrolados na Base de Dados – permitiu definir grandes categorias, tornando-as comparáveis. Como se pode verificar, a maioria das sepulturas escavadas na rocha encontra-se orientada com cabeceira voltada para Oeste (244 exemplos, 21%). Há um conjunto, igualmente significativo, de sepulcros com a cabeceira orientada para o quadrante de Noroeste (111 sepulcros, 10%). O que significa que, se tivermos em consideração a oscilação do curso solar ao longo do ano, entre os dois solstícios, teremos mais de um terço das sepulturas culturalmente orientadas. Este

dado é interessante porque, como se sabe, a Igreja só muito tardiamente justificou a orientação do sepulcro cristão. O que quer dizer que este hábito se afirmou independentemente das directrizes da hierarquia da Igreja. Mas é igualmente muito expressivo o grupo de sepulcros que tem uma orientação diametralmente oposta, ou seja, que apresenta a cabeceira orientada para Leste (são 159 sepulturas, equivalentes a 14%). É mesmo o segundo alinhamento mais comum no Norte de Portugal e Vale do Douro. Esta orientação sepulcral inversa pode ter implicações religiosas e/ou sociais. Já vários autores sugeriram que ela seria um sintoma de práticas sociais marginais, condenadas pela sociedade e pela Igreja. As mesmas que levariam à inumação em *decubito prono*, em vez da prática, esmagadoramente predominante, do enterramento em *decubito supino*. Mas não temos dados seguros para defender esse tipo de interpretações, que mais não passam de hipóteses. Poderiam ser, quiçá, o resultado de alguma confusão no conceito da orientação cultural do enterramento, optando-se por colocar a cabeça voltada para Leste, para Jerusalém. O que merece ser sublinhado é que as orientações pelo curso solar – seja com a cabeceira voltada para Oeste, seja com a cabeceira virada para Leste – são claramente predominantes. E que as orientações diametralmente opostas – viradas para Norte ou para Sul – parecem corresponder a uma franja marginal, quase inexpressiva (com 5 e 3%, respectivamente). Vale a pena, igualmente, cruzar os dados da orientação dos sepulcros com os indicadores tipológicos. Aqui, encontramos um persistente equilíbrio: 52,9% das sepulturas orientadas para Oeste são antropomórficas, e 35,7% são não antropomórficas; 57,2% das sepulturas orientada para Leste são antropomórficas, e 33,3% são não antropomórficas. Confessamos que a nossa impressão era que o conjunto de sepulturas não antropomórficas seria mais receptivo a ter orientações não culturais, e o que estes dados nos revelam é que o comportamento é sensivelmente equivalente. Por fim, registemos que estes dados ajudam a sublinhar a necessidade de se registar, com rigor, a orientação axial de todos os sepulcros, não apenas numa orientação genérica, por quadrante, mas em graus, com recurso a bússola. Só esses dados permitem tratamento mais fino.

19. Barroca, 2010, p. 437.

5. CONCLUSÃO

Com a implementação do projecto «*Sepulturas Escavadas na Rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro*» começou a ser construído um novo instrumento de pesquisa que, conforme previamente explicitado, se articula com um outro, em curso, para o Centro do território português. Focados, pois, em áreas geográficas distintas, assumem-se, a este nível, como complementares, mas simultaneamente, como potenciadores de leituras não necessariamente coincidentes ou unívocas.

Com efeito, a própria mancha de ocorrências inventariadas e cartografadas denota variáveis expressivas em termos quantitativos, circunstância que é em si mesma ilustrativa da ausência de um padrão único de implementação e, eventualmente, até da existência de graus distintos de adesão a este tipo singular de prática funerária.

Todavia, também os dados recolhidos no âmbito do projecto SER-NPVD, e que sumariamente se apresentam e discutem nos pontos 3 e 4 deste texto, evidenciam a vigência de assimetrias no próprio interior do território em análise. Assimetrias que, como demonstrado, poderão estar correlacionadas com múltiplos factores, naturais e humanos, em si mesmos igualmente indissociáveis. Consideremos, por exemplo, as especificidades do substrato geológico, do relevo, a proximidade de cursos fluviais ou de vias, ou a articulação das áreas de habitat com um eventual templo agregador da comunidade. Vectores que, necessariamente, se impõe examinar e articular não apenas com as particularidades morfológicas dos enterramentos, mas também com a prevalência das ocorrências documentadas: isoladas, em núcleos de 2 a 5 sepulturas ou integradas em efectivas necrópoles.

A compilação dos dados que têm vindo a ser recolhidos não é isenta de constrangimentos. De facto, e apenas para retomar um dos pontos já evocados, a bibliografia disponível e sistematicamente consultada espelha uma ampla diversidade de inquéritos e métodos de abordagem ao terreno, os quais, inevitavelmente, condicionam a própria profundidade e pormenor das informações veiculadas. De igual modo, a existência de programas de investigação direccionados para unidades geográficas específicas é susceptível de permitir um arrolamento rigoroso das sepulturas rupestres conservadas, potenciando um mapeamento numericamente significativo.

Em contrapartida, os “vazios” detectados poderão, ou não, reflectir uma efectiva ausência ou escassez deste tipo de testemunho material. Não obstante, e sendo certo que a construção das bases de dados do projecto SER-NPVD configura um desafio a vários níveis, inclusivamente também devido à extensão do território por ele abarcado, não temos dúvidas de que representa também um veículo determinante para a abertura de possibilidades de análise, questionamento e interpretação de um fenómeno ainda insuficientemente compreendido e que, neste sentido, continua a interpelar os investigadores.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Joana Filipa Tuna de (2009) – Sepulturas escavadas nas rochas no Concelho de Vila Real. In *Tellus*. Vila Real. 50, pp. 39-68.

AREZES, Andreia (2020) – Sepulturas escavadas na rocha no curso inferior da bacia do rio Lima. O concelho de Viana do Castelo em perspectiva. In M. J. Barroca (Coord.), *Congresso Internacional Sepulturas escavadas na rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Porto. CITCEM (no prelo).

BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António J. C. (1983) – Sepulturas Medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). In *Arqueologia*. 8, pp. 92-102.

BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António J. C. (1985-86) – A Terra e o Castelo. Uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena. In *Portugalia*. Porto. 6-7, pp. 35-88.

BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho* (Séculos V a XV). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BARROCA, Mário Jorge (2010) – Memórias. In J. Mattoso (Dir. de) e B. V. Sousa (Coord. de), *História da Vida Privada em Portugal*. vol. 1. Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 418-456.

BARROCA, Mário Jorge (2010-2011) – Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho. In *Portugalia*. Porto. 31-32, pp. 115-182.

BARROCA, Mário Jorge (2020) – Os estudos sobre sepulturas escavadas na rocha em Portugal, trinta anos depois. In M. J. Barroca (Coord.), *Congresso Internacional Sepulturas escavadas na rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Porto. CITCEM (no prelo).

BROOKES, Stuart; TENTE, Catarina; PRATA, Sara (2017) – Interpreting Rock-Cut Grave Cemeteries: The Early Medieval Necropolis and Enclosure of São Gens, Portugal. In *Medieval Archaeology*. 61:2, pp. 215-238. DOI: 10.1080/00766097.2017.1374093.

GUEDES, César (2015) – *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Tese de Mestrado.

- GUEDES, César (2020) – As sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum. Tipologias, implantação e as leituras possíveis do território. In M. J. Barroca (Coord.), *Congresso Internacional Sepulturas escavadas na rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Porto. CITCEM (no prelo).
- LEMOS, Francisco Sande (1993) – *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. Tese de Doutoramento.
- LEMOS, Francisco Sande e MARCOS, Domingos dos Santos (1985) – A necrópole medieval de Vila dos Sinos – Mogadouro Segunda Campanha de Escavações, 1982. In *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho – Museu D. Diogo de Sousa. Série II, Vol. 2. pp. 127-156.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002) – *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as Necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.
- MARTIN VISO, Iñaki (2012a) – Enterramientos, memoria social y paisaje en la alta edad media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro oeste de la Península Ibérica. In *Zephyrus*. LXIX, pp. 165-187.
- MARTIN VISO, Iñaki (2012b) – Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos: de la necrópolis a la parroquia en el Centro de la Península Ibérica. In *Reti Medievali Rivista*. 13(2). Firenze, pp. 2-45 (disponível em <http://rivista.retimedievali.it>).
- MARTIN VISO, Iñaki (2016) – Comunidades locais, lugares centrais y espacios funerários en la Extremadura del Duero medieval: Las necrópolis de tumbas excavadas en la roca alienadas. In *Anuário de Estudios Medievales*. Barcelona. 46(2). pp. 859-897.
- OLIVEIRA, Ana Maria (2020) – Sepulturas escavadas na rocha da região de Bragança: contributo para o estudo do povoamento medieval. In M. J. Barroca (Coord.), *Congresso Internacional Sepulturas escavadas na rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. Porto. CITCEM (no prelo).
- PEREIRA, Sofia (2015) – *Inventário e Georreferenciação do mundo funerário rupestre no Centro de Portugal*. Lisboa, UNL-FCSH. Relatório de Estágio.
- PERPÉTUO, João Miguel André (2010) – *Adro da Igreja de Mós – Escavação Arqueológica, Preservação e Acondicionamento (Mós-Torre de Moncorvo)*. Viseu: Arqueohoje Lda. Relatório policopiado.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos (2005) – A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de Ocupação do Território (875-1308). In *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel. 10.
- TENTE, Catarina (2015) – Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval. In *Munibe Antropologia-Arkeologia*. Bilbao. 66, pp. 271-290.
- TENTE, Catarina (2017) – Rock-cut graves and cemeteries in the medieval rural landscape of the Viseu region (central Portugal). In C. Theune-Vogt e C. Bis-Worch (Eds.), *Religious places, cult and rituals in medieval rural environment*, Leiden. pp. 215-226.
- TEIXEIRA, Ricardo (1996) – *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.

Distrito	Municípios	Freguesias*	Área
Viana do Castelo	10 (Arcos de Valdevez; Caminha; Melgaço; Monção; Paredes de Coura; Ponte da Barca; Ponte de Lima; Valença do Minho; Viana do Castelo; Vila Nova de Cerveira)	290	2.255 km ²
Braga	14 (Amares; Barcelos; Braga; Cabeceiras de Basto; Celorico de Basto; Esposende; Fafe; Guimarães; Póvoa de Lanhoso; Terras de Bouro; Vieira do Minho; Vila Nova de Famalicão; Vila Verde; Vizela)	519	2.706 km ²
Porto	18 (Amarante; Baião; Felgueiras; Gondomar; Lousada; Maia; Marco de Canaveses; Matosinhos; Paços de Ferreira; Paredes; Penafiel; Porto; Póvoa de Varzim; Santo Tirso; Trofa; Valongo; Vila do Conde; Vila Nova de Gaia)	393	2.395 km ²
Vila Real	14 (Alijó; Boticas; Chaves; Mesão Frio; Mondim de Basto; Montalegre; Murça; Peso da Régua; Ribeira de Pena; Sabrosa; Santa Marta de Penaguião; Valpaços; Vila Pouca de Aguiar; Vila Real)	268	4.328 km ²
Bragança	12 (Alfândega da Fé; Bragança; Carraceda de Ansiães; Freixo de Espada à Cinta; Macedo de Cavaleiros; Miranda do Douro; Mirandela; Mogadouro; Torre de Moncorvo; Vila Flor; Vimioso; Vinhais)	299	6.608 km ²
Aveiro	2 (Castelo de Paiva e, de Santa Maria da Feira, apenas a freg. de Canedo)	10	144 km ²
Viseu	6 (Armamar; Cinfães; Lamego; Resende; S. João da Pesqueira; Tabuaço)	115	1.045 km ²
Guarda	2 (Figueira de Castelo Rodrigo; Vila Nova de Foz Côa)	34	907 km ²
TOTAIS	78	1.928	20.388 km²

Quadro 1

* Para o SER-NPVD consideramos a organização administrativa anterior à reforma de 2013, pelo facto de ela se aproximar mais da organização paroquial medieval. Por isso, o número de freguesias apresenta-se mais elevado do que o actualmente em vigor.

Espaço Funerário	Articulação com a paisagem									Total	%
	Associada a <i>habitat</i>	Associada a templo	Associada a <i>habitat</i> e templo	Associada a pov. fortificado	Associada a pov. fortificado e templo	Associada a castelo	Associada a castelo e templo	Associada a via	Indeterminada		
Sepultura isolada	19	19	6	1	2	0	1	9	64	121	31,3%
N. de 2 a 5 sepulturas	44	17	10	0	2	0	2	4	46	125	32,4%
N. de 6 a 10 sepulturas	14	4	2	1	0	1	0	2	7	31	8%
Nec. Desordenada	2	3	1	0	0	0	1	1	4	12	3,1%
Nec. associada a templo	-	27	3	0	0	0	1	0	0	31	8%
Indeterminado	6	12	7	2	1	0	1	0	37	66	17,1%
Total	85	82	29	4	5	1	6	16	158	386	100%
%	22%	21,2%	7,5%	1%	1,3%	0,3%	1,6%	4,1%	40,9%	100%	

Quadro 2

Altitude	N.º de Estações	Percentagem
0 – 99 m	22	5,7%
100 – 199 m	33	8,5%
200 – 299 m	34	8,8%
300 – 399 m	35	9,1%
400 – 499 m	27	7,0%
500 – 599 m	45	11,7%
600 – 699 m	74	19,2%
700 – 799 m	50	13,0%
800 – 899 m	24	6,2%
900 – 999 m	12	3,1%
> 1000 m	6	1,6%
Ind.	24	6,2%
Total	386	100,0%

Quadro 3

Orientação	Antropomórficas	Não Antropomórficas	Indeterminadas	Total	%
N (337,6° – 22,5°)	28	24	1	53	5%
NE (22,6° – 67,5°)	11	37	2	50	4%
E (67,5° – 112,5°)	91	53	15	159	14%
SE (112,6° – 157,5°)	7	16	0	23	2%
S (157,6° – 202,5°)	17	14	3	34	3%
SW (202,6° – 247,5°)	41	27	4	72	6%
W (247,6° – 292,5°)	129	87	28	244	21%
NW (292,6° – 337,5°)	62	48	1	111	10%
Indeterminada	139	74	211	424	36%
Total	525	380	265	1170	100%

Quadro 4

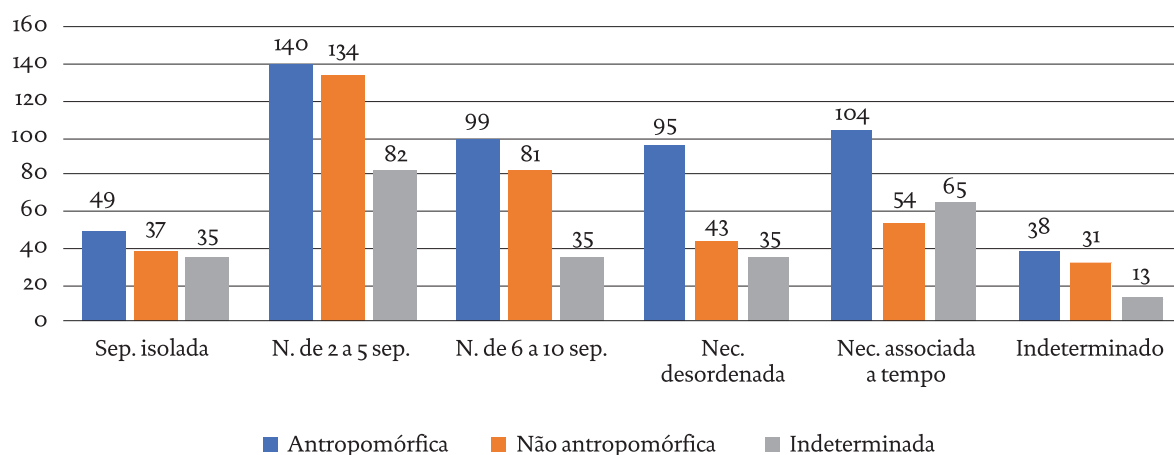


Gráfico 1 – Distribuição das diferentes tipologias de sepultura pelos espaços funerários.



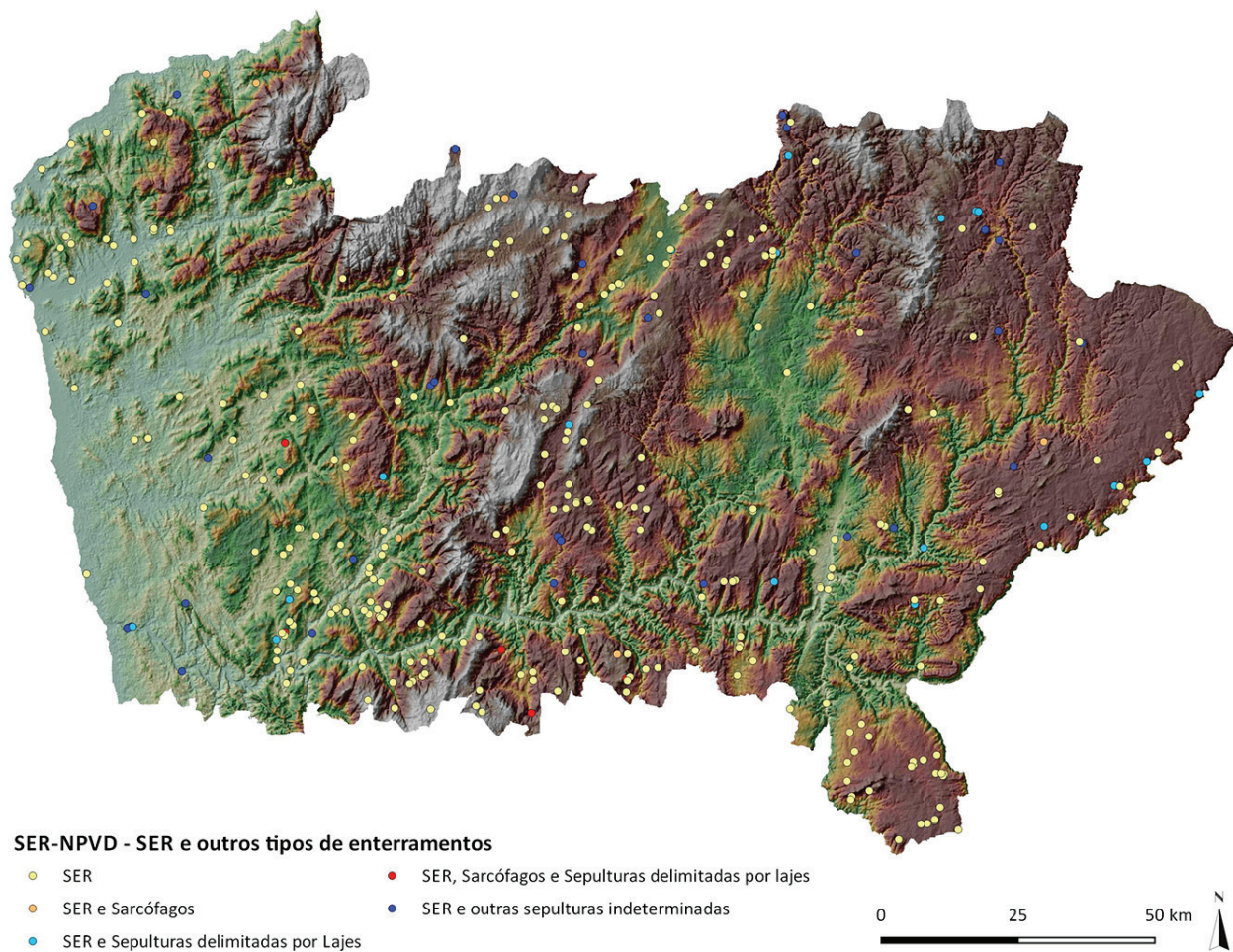
SER-NPVD - Estações identificadas

● SER

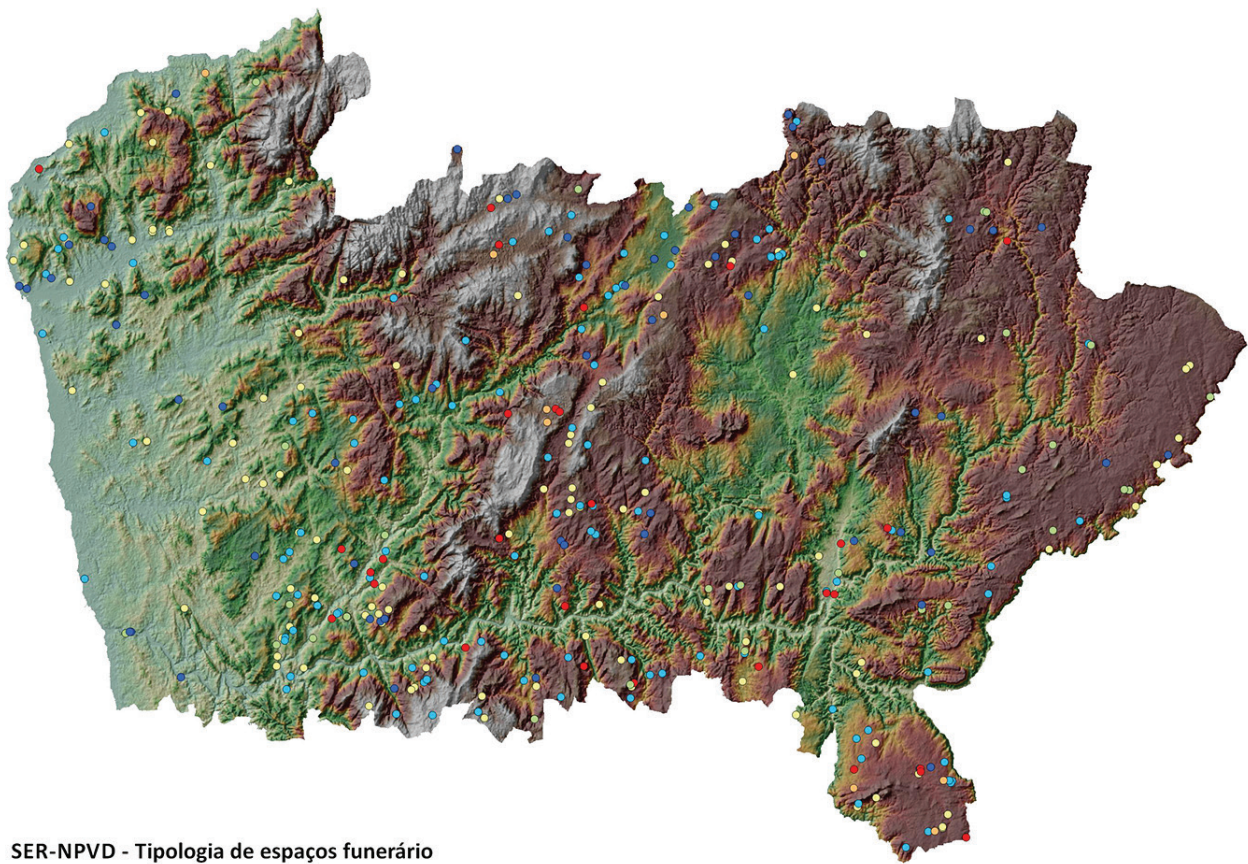
0 25 50 km



Mapa 1 – Área de estudo e distribuição das estações identificadas no âmbito do SER-NPVD. Autor: César Guedes.



Mapa 2 – Distribuição das estações com sepulturas escavadas na rocha e outros tipos de enterramentos. Autor: César Guedes.



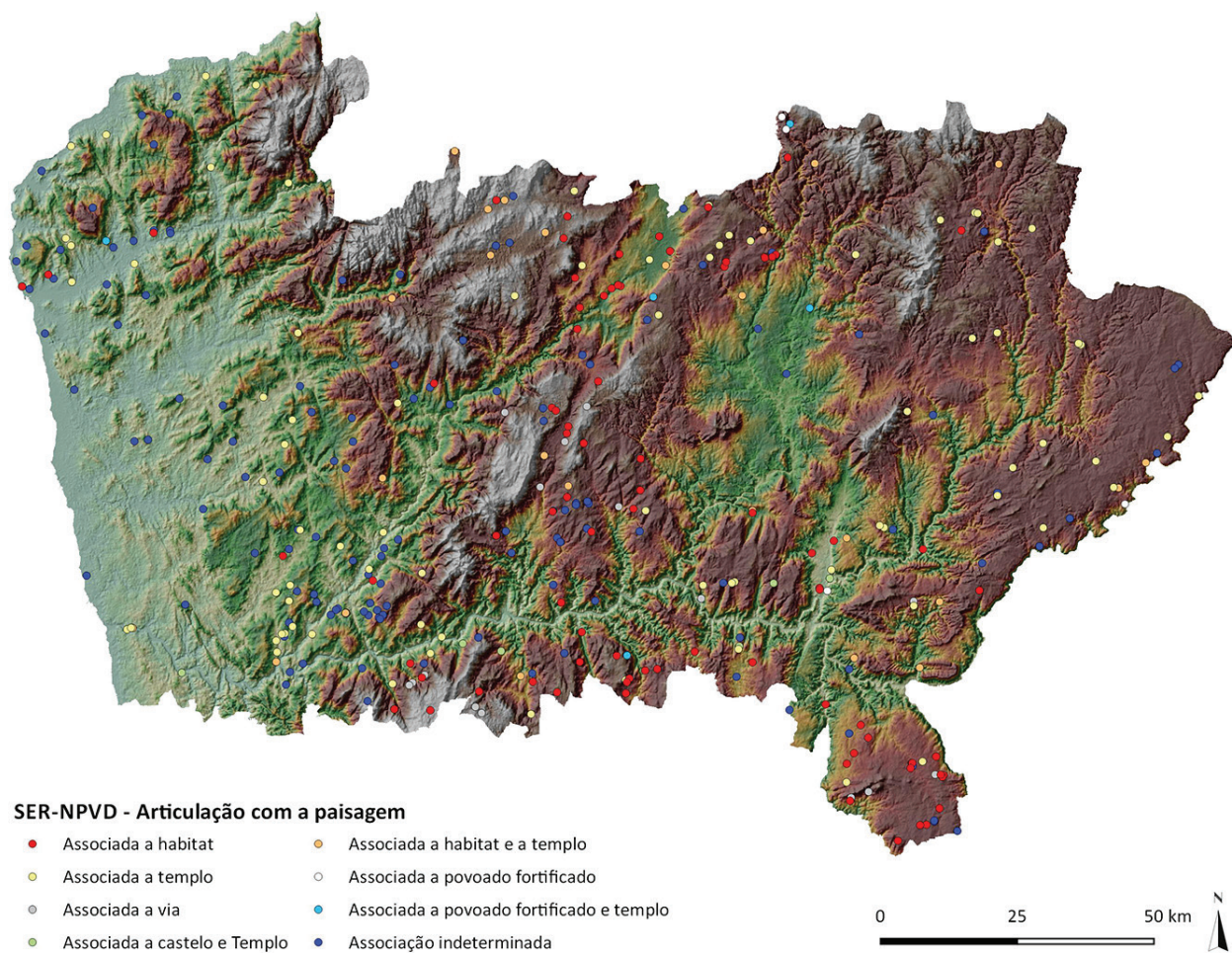
SER-NPVD - Tipologia de espaços funerário

- SER isolada
- Núcleo de 2 a 5 SER
- Núcleo de 6 a 10 SER
- Necrópole desordenada
- Necrópole associada a templo
- Necróple indeterminada

0 25 50 km



Mapa 3 – Tipologia dos espaços funerários. Autor: César Guedes.



Mapa 4 – Articulação entre as estações com sepulturas escavadas na rocha e a paisagem. Autor: César Guedes.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

